

## Resenhas

### Book review

MÜLLER, Marcos José. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.<sup>1</sup>

Pode-se dizer, e dizer sem a nobre preocupação que advém quando se parece estar relegando algo considerável em favor do que está em questão, que permeada, ou, diríamos mais profundamente, penetrada está a ação filosófica, desde seus “ingênuos” anos de infância até seus tempos de maturidade sistemática e trauma metafísico, por uma única curiosidade epistemológica do humano sobre ele mesmo, ou melhor dizendo, inquietação. É inquietação que é deveras ontológica. Inquietação que causa o espanto que faz se desenvolver e permite caminhar toda intenção filosófica, ou antes é conjunto a toda esta intenção: o espanto de existir. Que belo mistério é esse que me faz sentir cálida minha pele ao vento tépido do final de tarde? Por que me ocultam seus segredos o calmo lago que vejo e seu ambiente cujo odor lacustre entra em mim? Porque eles são a mim tão distintos e a mim tão distantes, mesmo quando os estou a tocar, a me envolver neles? O mundo é um pleno mistério, e porquanto nos encontramos invariavelmente nele, porquanto com ele nos relacionamos, seus mistérios também a nós nos pertence.

A metafísica tenta desvendá-lo, ou não fazê-lo por completo, mas essa tentativa desvenda uma característica, uma visão marcadamente realista. Demonstra isso Aristóteles e sua tradição, que

estabelecem o real no sensível. O tecido do mundo é o real de fato e não faço mais que reconhecer esse real através de meus sentidos e atesta-lo por minha mente (o *lógos*), que, por conseguinte, teria conhecimento do real, saberia distinguir como conjugadas as coisas enquanto conjugadas e como separadas as que estão separadas, mas um conhecimento nada independente desse mundo sensitivo real. Igualmente Platão e sua tradição postulam um realismo, mas um que é ideal. Existe um mundo inteligível, onde residem as Formas, as *Idéias*, que são o real. A alma humana contempla tais entidades e reconhece-as como que refletidas no mundo sensível que, por estar em constante mudança, não pode conter em si o real, e que é, por sua vez, plano segundo, inferior.

Esta concepção realista é totalmente invertida na chamada metafísica moderna, onde se vê um idealismo, e posto como marco principal desta transformação está Descartes. O real não mais reside no mundo concreto, com o qual tomo contato pela experiência sensitiva, pela percepção, mas o real encontra-se no Eu pensante, no espírito do sujeito que constitui o mundo através da consciência que tem de si próprio. Somos donos de uma consciência, ou melhor, somos nós uma consciência absoluta que é fundadora do real, de maneira que, como exemplo, minha visão não é uma de fato mas pensamento de ver. Descartes estabelece o ser pleno a partir do pensamento, ao passo que a famosa expressão *Cogito ergo sum* é mal traduzida em *Penso, logo existo*, pois

<sup>1</sup> Em respeito ao leitor, informamos que presentemente o autor assina, desde 2003, conforme suas próprias palavras a nós endereçadas, com o nome Müller-Granzotto, e não somente Müller, como indica seu trabalho. Reparar-se-á que utilizaremos seu nome atual durante o texto.

não ocorre somente preservar minha consciência e fundamentá-la como universal tendo em vista uma prova de minha existência singular, mas ao contrário, a singularidade está aqui imbuída de um sentido ontológico, e a expressão é facilmente compreendida em *Penso, logo sou, e sou plenamente, sou eu o Ser único que me permite, agora sim, a existência, e o mundo é feito como representação minha, construído das mãos deste Pensamento constituinte.*

Entretanto, para se apresentar de vez o objeto deste texto, é imperativo dizermos do movimento filosófico contemporâneo, que tem como intuito, de certa maneira, unir as duas concepções metafísicas anteriormente explicadas: ele é a fenomenologia. Caracteriza-se como uma de suas maiores aquisições o posicionamento do indivíduo envolto em seu redor, o estabelecimento do conceito de “ser-no-mundo”. O homem não constitui o mundo através de privilégio de consciência absoluta e existente por si mesma, mas o mundo não é, contrariamente, uma peça real em si e ao homem acessível somente por meio de um reconhecimento que é, ao mesmo tempo, distanciamento. Para a fenomenologia, o cerne originário do homem, do mundo e, interpenetradamente, do homem no mundo, é o mundo vivido, o mundo fenomenológico, que pousa sobre o tecido do real e fundamenta todo ato cultural (ciência, arte, racionalização). Eis por que a percepção é de preocupação constante nos estudos em fenomenologia, e a encontramos em Husserl, o fundador, em Heidegger, um discípulo, e no principal fenomenólogo francês, Maurice Merleau-Ponty. E então, com esta breve introdução, apesar de conter temas reconhecidamente complexos, podemos expor a todos a proposta deste texto, que é precisamente apresentar ao leitor um interessante estudo sobre Merleau-Ponty, publicado em 2001 pela editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Chama-se *Merleau-Ponty: acerca da expressão*, de M. Müller-Granzotto. Mas antes da apresentação do

trabalho, pede-se uma do autor. Formado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, exerce a atividade de docente, pesquisador e orientador na Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, estuda e exerce profissionalmente a Gestalt-terapia, sempre a tentar tecer as relações marcadamente existentes entre esta e a fenomenologia. Seu trabalho sobre Merleau-Ponty é concernente às pesquisas de um pós-doutorado iniciado na USP e concluído na UFRJ. Agora à obra e aos comentários.

O pensamento do filósofo francês pode ser visto, pelo menos em seus primórdios, como uma grande retomada do trabalho de Husserl, como um dedicado cinzelamento da intenção da fenomenologia, sempre preocupado, como demonstra em seu *Le philosophe et son ombre*, em pensar o impensado de um pensamento. Um principal interesse de Merleau-Ponty era com relação à tradição cartesiana que fortemente se alastrou pela cultura filosófica e permanece ainda. Müller-Granzotto reconhece a força que tem essa inquietação e parte da explicação do percurso merleau-pontyano para deixar esta tradição e fundamentar, ou iniciar os fundamentos (embora Merleau-Ponty repudiasse toda filosofia que se toma como autofundadora de um novo mundo teoricamente construído e coincidente com uma realidade sobreposta), de uma ontologia distinta da cartesiana diplópica entre a *res extensa* e a *res cogitans*. Esse percurso é o “reconhecimento e a caracterização discursiva da inerência do fenômeno à experiência” (p. 15), ou seja, a relação expressiva do homem com o mundo e com si mesmo. O conceito de expressão, como “poder criador” (p. 9) advindo das experiências, que são eventos intrínsecos à existência, dirige, por assim dizer, a filosofia de Merleau-Ponty e é usando de tal conceito que Müller-Granzotto produz todo seu estudo.

Seguindo a mesma ordem da *Phénoménologie de la perception*, o texto de Müller-Granzotto discorre primeiramente sobre o mundo perceptivo e

sobre o instrumento da linguagem — que não é só instrumento, mas como que órgão imanente do homem em seu prolongamento do mundo da percepção. Esses são os meios pelos quais, de suas experiências, o Ser se expressa, atestando a presença indelével dos fenômenos nessa sua transcendência. Em seguida toma-se em conta a análise do corpo realizada por Merleau-Ponty. A matéria a que chamamos corpo, que para o cartesianismo é somente isso de fato: matéria; é vista aqui como templo resguardador das significações da percepção; o corpo sensitivo e, sincronicamente, senciante, estabelece a linguagem existencial com o mundo, engendra nosso falar constante com o que à nossa volta se incita a nós e a isso nos incitamos. A entrada na percepção é realizada pela presença corpórea e isso leva, conseqüentemente, à constatação de uma emanção simbólica que se corporifica, que é corporificada. Os comportamentos simbólicos e a cultura têm, irremediavelmente, a “potência de expressão” (p. 218), e Merleau-Ponty com freqüência se volve para a arte, que pode revelar o poder criador de nosso corpo através de seu reduto necessário de expressividade. O próximo tópico envolve-se na instituição merleau-pontyana da temporalidade como aspecto inerente e indissociável do Ser. O tempo, a visão que dele se tem, precisam ser renovados para que se possa refazer a noção de sujeito que não pode se sustentar num tempo objetivo, seguro somente à distância mas que se assemelha a uma areia movediça. A temporalidade é dimensão do ser enquanto “horizonte de nossa atualidade” (p. 268) se dirigindo à “dispersão” (idem), pois que a experiência se engancha nos fios do tempo. Essa temporalidade interna se confunde com a própria subjetividade, ou melhor, com a subjetividade temporalizada e temporalizante.

Müller-Granzotto, com grande mérito, realiza um estudo acerca da fenomenologia inicial de Merleau-Ponty, contida, mormente, na *Phénoménologie de la perception*, mas, entretanto, ao suscitar as questões postas pelo próprio Merleau-Ponty, mais adiante em

sua vida (sendo que a *Phénoménologie* data de 1945 e tais embates se dão no final da década de 50 e iníciozinho de 60, no inacabado intento de *Le visible et l'invisible*), questões contrárias a essa fenomenologia desenvolvida em seus primeiros trabalhos, Müller-Granzotto contribui consideravelmente para o prosseguimento do pensamento merleau-pontyano e realfirma que a posição de uma filosofia nunca é estável o bastante, devendo a todo momento ser debatida, confrontada, numa interação dialética nada presa, contudo, a atuações desprovidas de um respeito merecedor.

Guilherme Figueiredo dos Santos IVO

(Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas/FAPIC)